

Apresentação

Este livro surgiu a partir de um grupo de leitura da Bíblia que se reunia em Botafogo, Rio de Janeiro, em meados dos anos 1990. Éramos vinte, trinta pessoas, e nos encontrávamos às segundas-feiras para ler e discutir, sem pressa, um capítulo depois do outro, essa pequena biblioteca que se chama a Bíblia. E assim descobrimos a vitalidade inesgotável deste que é o livro-texto da civilização ocidental. Descobrimos, sobretudo, que estávamos diante de uma coisa viva que, a partir de certo ponto, começa a dialogar com você, a desafiar você.

É essa coisa viva, e esse longo diálogo, que se tentou reproduzir nas páginas seguintes. A intenção era mostrar o maravilhoso contraponto que existe entre o Antigo e o Novo Testamento; o modo como um remete constantemente ao outro. Nenhuma pretensão, aqui, de apresentar uma cristo-

logia consistente – o que fugiria às dimensões do livro e à capacidade do autor. Mas nos pareceu que chegar ao Cristo depois de uma viagem pelo Antigo Testamento joga uma luz nova sobre a figura central dessa história.

Para o leitor comum, a Bíblia, a uma primeira abordagem, pode ser difícil. Uma “leitura dinâmica” como aqui se propõe talvez diminua essa dificuldade; e, nesse *vol d’oiseau*, fica mais fácil enxergar a unidade do conjunto. Isso também torna (esperamos) futuras leituras mais enriquecedoras.

1. *Quem escreveu a Bíblia?*

A Bíblia não foi escrita por um anjo – ao contrário, por exemplo, do Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos, que acreditam ter sido ditado ao profeta Maomé pelo arcanjo Gabriel (o mesmo que aparece na tradição cristã).

Na Bíblia, que é o livro sagrado dos judeus e dos cristãos (com diferenças de texto, óbvio), sentimos a todo momento a presença do redator humano – do escriba, humilde ou elevado, que se sentou, uma pena na mão, para relatar uma história que ele sabia não ser parecida com nenhuma outra.

São Paulo está presente em suas Epístolas; são João, no Evangelho que ele escreveu. Pensando no que os cristãos chamam

Na Bíblia sentimos a presença do redator humano, que se sentou para relatar uma história que ele sabia não ser parecida com nenhuma outra.

O narrador bíblico está lá e, de repente, é como se o chão lhe fugisse debaixo dos pés e ele começasse a voar.

de Antigo Testamento, temos livros históricos como os de Esdras e Neemias – que eles redigiram; podemos imaginar os escribas de Davi narrando as histórias do grande rei;

podemos facilmente imaginar (mesmo sem conhecer o seu nome) a figura do sábio judeu que escreveu o Eclesiástico.

Muitas e muitas vezes sentimos essa presença humana – o suor que é consequência do esforço; a tensão de um redator que está escrevendo algo inusitado.

Mas o que é que faz a Bíblia ser o que ela é? O fato de, tanto quanto essa presença humana, sentirmos a manifestação, aqui e ali, de um sopro que é o que, à falta de melhor termo, chamamos de inspiração (etimologicamente, “a entrada do ar nos pulmões”). O narrador bíblico está lá – uns com mais talento que outros – cumprindo a sua vocação; e, de repente, é como se o chão lhe fugisse debaixo dos pés e ele começasse a voar.

Um bom exemplo disso se encontra no começo do Evangelho de São Lucas – um Evangelho mais pesquisado, mais trabalhado que os de seus antecessores, Marcos e Mateus. Lucas foi buscar os antecedentes da história de

Jesus; e, assim, começa contando o nascimento de João Batista, o precursor.

O pai de João Batista, Zacarias, era sacerdote no Templo – e chega o dia em que, numa escala de revezamentos, lhe cabe oferecer o sacrifício no altar dos perfumes.

Zacarias entra no santuário para oferecer o perfume, enquanto o povo aguarda lá fora (só os sacerdotes entravam no âmago do Templo). E é então que um anjo aparece, à direita do altar, e lhe faz revelações extraordinárias. Embora ele fosse velho, como sua mulher, Isabel, um menino lhes nascerá, que será “grande diante do Senhor” e que “desde o ventre de sua mãe será cheio do Espírito Santo”. Muitas outras coisas diz o anjo.

Era demais para Zacarias. Naquele Israel que antecede imediatamente o início da era cristã, o céu estava silencioso há séculos, desde que se calara a voz do último profeta. Esperando o Messias prometido, Israel procurava manter-se fiel, na medida do possível, às prescrições da Lei mosaica, enquanto ia levando a vida debaixo do jugo pesado dos romanos.

Naquele Israel que antecede o início da era cristã, o céu estava silencioso há séculos, desde que se calara a voz do último profeta.

Zacarias duvida. “Como posso ter certeza disso? Pois sou velho, e minha mulher é de idade avançada.” O anjo responde: “Eu sou Gabriel, que assisto diante de Deus, e fui enviado para te trazer esta notícia. Eis que ficarás mudo e não poderás falar até o dia em que essas coisas acontecerem, visto que não deste crédito às minhas palavras, que se hão de cumprir a seu tempo.”

Zacarias fica mudo, e a narração prossegue, passando agora para a Anunciação do anjo à Virgem Maria. Maria engravidada; mas Isabel engravidara antes – de Zacarias, contra toda probabilidade.

João Batista, portanto, é alguns meses mais velho que o Menino Jesus. Quando ele nasce (Zacarias continua mudo), a família marca a circuncisão segundo a tradição judaica, e todos querem que ele se chame Zacarias, em homenagem ao pai. Mas o pai faz sinal que não, pede uma tabuinha e escreve, de acordo com o que lhe dissera o anjo: “João é o seu nome.” Espanto geral; e, imediatamente, desata-se a língua de Zacarias. Ele irrompe num cântico que traz essa marca da inspiração na Bíblia. Diz o Zacarias libertado da mudez:

“Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e resgatou o seu povo, e suscitou-nos um poderoso Salvador, na casa de Davi, seu servo – como havia anunciado, desde os primeiros tempos, mediante os seus santos profetas –, para nos livrar dos nossos inimigos e das mãos de todos os que

nos odeiam. Assim exerce a sua misericórdia com os nossos pais, e se recorda de sua santa aliança, segundo o juramento que fez a nosso pai Abraão: de nos conceder que, sem temor, libertados de mãos inimigas, possamos servi-lo em santidade e justiça, em sua presença, todos os dias da nossa vida.

“E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo, porque precederás o Senhor e lhe prepararás o caminho, para dar a seu povo conhecer a salvação, pelo perdão dos pecados, graças à ternura e misericórdia do nosso Deus, que nos vai trazer do alto a visita do sol nascente, que há de iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte e dirigir os nossos passos no caminho da paz.”

Jorro de inspiração que é uma das marcas registradas da Bíblia e que dificilmente se poderia atribuir ao talento literário ou ao simples gênio poético.

É muito diferente você ler um Shakespeare, por exemplo, ou um Tolstoi, sabendo, pelo texto, que está conversando com um gênio. Na Bíblia, o gênero narrativo pode seguir o seu ritmo tranquilo, às vezes quase prosaico, até o momento em que sentimos que o tom mudou e que alguma coisa misteriosa está por trás das palavras.

Nesse mesmo comecinho de são Lucas, é o que acontece com a Virgem Maria quando ela visita sua prima Isabel. Ao encontrarem-se as duas (ambas grávidas), diz o texto que, “apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança

estremeceu no seu ventre; e Isabel ficou cheia do Espírito Santo”. Ela se dirige à prima com as palavras que encontrariam lugar na Ave-Maria: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre.” Respondendo, Maria se lança ao verdadeiro hino que é o “Magnificat”, contraponto do “hino” de Zacarias: “Minha alma engrandece ao Senhor, meu espírito exulta em Deus, meu Salvador, porque olhou para a humildade da sua serva; de ora em diante, todas as gerações me chamarão de bem-aventurada.”

Nos Evangelhos, essa presença da inspiração é constante, porque ela se manifesta a cada palavra do Cristo – palavras que quebram, por exemplo, o tom quase relatorial de um *são Mateus*. Mas no Antigo Testamento dos cristãos (que é a Bíblia judaica), está lá a mesma presença, de maneira muito forte, nos escritos proféticos.

Estes servem de exemplo perfeito para a questão da inspiração. Porque o profeta, por definição, é alguém que é “convocado” para passar uma mensagem específica num tempo específico – normalmente, momentos de grande angústia da vida de Israel.

O profeta não é exatamente aquele que prediz o futuro, segundo a convicção corrente, e sim o porta-voz de uma mensagem urgente. Para cumprir essa função, ele é como que “apanhado no laço”. “O leão ruge... O Senhor Javé fala. Quem não profetizará?”, diz *Amós*.

Há casos em que essa convocação é dramática – a de Moisés, por exemplo, o primeiro e o maior de todos os profetas. Chamado a liderar a saída do povo judeu do Egito, ele tenta

de todas as maneiras esquivar-se da incumbência, argumentando, por exemplo, que é gago, que não sabe falar. Tudo em vão: é ele o escolhido.

Ainda mais dramática é a história de Jeremias, porque aquele era o momento mais escuro da história de Israel, com os babilônios chegando para destruir o Templo e levar o povo para o exílio. O Livro de Jeremias abre com um toque de clarim:

“Palavras de Jeremias, filho de Helcias, um dos sacerdotes que viviam em Anatot, na terra de Benjamim.

“A palavra do Senhor foi-lhe dirigida no tempo de Josias, filho de Amon, rei de Judá, no décimo terceiro ano do seu reinado. Foi-lhe ainda dirigida no tempo de Joaquim, filho de Josias, rei de Judá, até o fim do décimo primeiro ano do reinado de Sedecias, filho de Josias, rei de Judá, até a deportação dos habitantes de Jerusalém, no quinto mês.” (Tudo isso para marcar exatamente as circunstâncias do chamado –

O profeta não é exatamente aquele que prediz o futuro, e sim o portavoz de uma mensagem urgente.

que não foi o delírio de um sonhador, ou de um visionário; bem que ele queria escapar ao seu destino.)

E começa o texto principal:

“Foi-me dirigida nestes termos a palavra do Senhor: ‘Antes que no seio fosses formado, eu já te conhecia; antes de teu nascimento, eu já te havia consagrado, e te havia designado profeta das nações.’

“E eu respondi: ‘Ah, Senhor Javé, eu nem sei falar, pois que sou apenas uma criança.’

“Replicou, porém, o Senhor: ‘Não digas: sou apenas uma criança; porquanto irás procurar todos aqueles aos quais te enviar, e a eles dirás o que eu te ordenar. Não deverás temê-los, porque estarei contigo para livrar-te – oráculo do Senhor.’”

E, daí em diante, seguimos as peripécias de Jeremias – talvez o livro mais patético da Bíblia, porque ele é um homem comum, e não uma grande personalidade como Moisés, e deve dizer o que não gostaria de dizer a um povo que queria ouvir coisas totalmente diferentes; e assim ele

E assim Jeremias vai até o seu fim obscuro, provavelmente trágico. Mas, nessa escuridão, há a promessa da aurora.

vai até o seu fim obscuro, provavelmente trágico. Mas, nessa escuridão, há a promessa da aurora – uma voz tão forte que ajudou Israel a atravessar o seu tempo mais sombrio.